

DE RUBEM BRAGA PARA O "DIARIO CARIOCA"

## A GUERRA DENTRO DO NEVOEIRO LEITOSO

Apenas Ouvimos Uns Tiros Surdos de Canhão — O Jeep Passa No Meio das Granadas Alemãs — Os Alemães Estão Ali Adiante — Mas Não Enxergamos Um Palmo Adiante do Nariz — Oficiais de Barbas Crescidas, Botas Enlameadas Apontando No Mapa Com as Unhas Sujas

COM A FEB NA ITALIA — De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — 25 nov. 1944 — Manhã fria, com chuva insistente e a estrada da serra entupida de cerração — e isso para os correspondentes quer dizer bom tempo para passear. Não é que amemos a lama e o nevoeiro. Eu particularmente aborreço esse horrível "ruço" que obriga os carros a andar de faróis acesos o dia inteiro, faz as viagens mais lentas e perigosas e tapa uma das mais belas paisagens do mundo. Mas se fosse um dia de sol confesso que teria muito menos apetite de visitar o P.C. que vamos visitar hoje. A certa altura deixamos a estrada boa e começamos a galgar a montanha por uma estrada que foi construída — me explicam — por 60 homens em 24 horas. Ha apenas as curvas essenciais, o "jeep" geme e suspira para vencer esses declives lucinados. O motorista me avisa de que num certo ponto da estrada que temos de percorrer têm chovido diariamente granadas alemãs.

— "Ainda ontem a coisa lá estava feia. Passei com este "jeep" e um reboque carregado de munição e caíram umas quatro granadas perto de mim".

Mas eu confio na cerração, e ela não me desilude. Atravessamos o trecho perigoso sem nenhum susto. Apenas ouvimos tiros espaçados de canhões — quase todos brasileiros — e tudo o que vemos á direita, á esquerda e á frente, é o nevoeiro leitoso. Aos lados da estrada, pequenos e grandes buracos atestam que o motorista não estava exagerando.

— "Parece que os tedescos advinham quando a gente leva munição. Um colega meu que levava um reboque com munição pegou tanta bomba aqui que resolveu correr, meteu

o "jeep" num buraco e me feriu. E' bobagem querer correr numa estrada assim. A gente tem é de aguentar firme e ir tocando o carro como se no lugar de canhão de tedesco esses estouros fossem foguetes numa festa. Outro dia desci aquela ladeira lá atrás de "primeira", bem devagar, com fogo comendo..."

Encontramos o P.C. do Batalhão animado. Oficiais chegam e saem e discutem diante de mapas. Hoje pela manhã uma companhia tentou um ataque, mas encontrou demasiada resistencia. Outras duas companhias conseguiram fazer algum progresso, mas não poderão se manter muito tempo nas posições que tomaram se ficarem com aquele flanco desguarnecido. Um oficial amigo me leva a um ponto de onde pode me explicar a luta sobre o terreno com toda a clareza — pois o inimigo está a tres ou quatro centenas de metros apenas. Mas é impossível: não enxergamos um palmo adiante do nariz. Voltamos a um mapa, mas outros dois oficiais precisam desse mapa. Já vamos nos acostumando a esse ambiente, a es-

sas discussões e consultas de oficiais de barba crescida e botas enlameadas, que apontam, com os dedos de unhas sujas, pontos no mapa. Encontro um capitão conhecido: tempos atrás estive no P.C. de sua Companhia, e pergunto pelos seus homens.

— "Estão descansando. Passaram 40 dias no fogo. E' demais, com esse frio. Eu reclamei. Você quer saber de uma coisa? Quando meus meninos voltarem á frente eu vou dizer para eles não lutarem tão bem. Gente boa aqui tem castigo: os chefes ficam com pena de tirar da frente".

— Não adianta contar vantagem, capitão. Não podemos fazer referencia a nomes de unidades...



25/11/44

(Ataque ao Castelo - 25/11/44 - FEB)  
pg. 53 26